

# Capítulo 1: Os Vassalos

## O Dia da Sentença

Desde tempos imemoriais, existia um grupo enigmático de pessoas que carregavam em seus corpos marcas e itens misteriosos. Esses sinais, chamados de Selo dos Vassalos, tornavam seus portadores diferentes dos demais mortais. Alguns manifestavam dons mágicos incompreensíveis; outros exibiam resistência além dos limites humanos.

Essas dádivas, no entanto, não foram vistas como bênçãos. Com o passar dos séculos, os vassalos foram caçados, escravizados e usados como ferramentas: soldados em guerras, cobaias em experimentos científicos ou peças de poder nas mãos de reis e tiranos.

Foi durante um desses experimentos que o destino do mundo mudou. Um vassalo, debilitado após dias de tortura, respirava com dificuldade dentro de uma sala repleta de máquinas, fios e olhos famintos por respostas. Seu corpo estava quebrado, mas sua determinação ainda brilhava em silêncio. Até que, enfim, sucumbiu.

Com a última força que lhe restava, murmurou em lamento:

"Perdoe-me, Daimon... não conseguirei mais lhe fazer companhia."

No exato instante de sua morte, o selo marcado em sua pele brilhou de forma intensa, e um círculo mágico de coloração esverdeada se expandiu sob o cadáver. A energia se espalhou pelo chão como raízes vivas, e o ar se encheu de um zumbido grave, que fazia cada coração pulsar em descompasso.

Do centro do círculo, cercado por runas espectrais de cor verde que flutuavam como chamas frias, ergueu-se um ser humanoide. Sua silhueta lembrava a de um homem, mas algo em sua presença denunciava que não pertencia àquela realidade: sua pele parecia oscilar como um reflexo na água, e seus olhos

brilhavam com uma luz que misturava ira e luto. O ar ao redor agitava-se, como se respondendo à sua essência — pois aquele era Daimon, o ser dos ventos.

O silêncio reinou por um instante, quebrado apenas pelo som nervoso de armas sendo engatilhadas. Atônitos, cientistas e guardas não compreendiam o que viam, mas a ordem foi clara: eliminá-lo.

Antes que o primeiro disparo fosse feito, a entidade falou com voz firme, grave e carregada de eco:

"Por que a humanidade insiste em explorar aqueles que são diferentes? Por que transformar dons em armas, e vidas em ferramentas para o conflito?"

Ignorando suas palavras, os guardas abriram fogo. As balas, lâminas e rajadas de energia o atingiram sem que ele se movesse. Ele permaneceu imóvel, como se nada pudesse feri-lo.

Quando a poeira baixou, sua voz soou novamente, desta vez pesada como um julgamento:

"Se é conflito que desejam, conflito terão."

Um arrepio percorreu todos os presentes. Então, subitamente, os corpos começaram a reagir. Primeiro um nariz sangrando. Depois, olhos, ouvidos e bocas vertendo rios de sangue. Em menos de um minuto, cada um deles tombou, a vida drenada por uma força invisível e inevitável.

Aquele dia ficou marcado na história como "O Dia da Sentença".

Horas depois, o mundo inteiro mergulhou em caos. Deuses, outrora serenos em seus reinos celestes, foram tomados por uma fúria incontrolável, como se algo invisível tivesse tocado seus corações. Um após o outro, enlouqueceram, e suas disputas romperam o equilíbrio do cosmos, lançando fogo e trovões sobre a terra.

A humanidade, já oprimida por seus próprios erros, agora se via arrastada para a guerra divina — transformada em peões na batalha dos próprios deuses.